

Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)

# As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano 3



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e  
a Competência no Desenvolvimento Humano  
3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	As ciências humanas e sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (As ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-517-4 DOI 10.22533/at.ed.174190607  1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.  CDD 301
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A Atena editora apresenta o e-book “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Competências no Desenvolvimento Humano”.

São ao todo noventa e três artigos dispostos em quatro volumes e dez seções.

No volume 1 apresentam-se artigos relacionados as temáticas *Estado e Democracia; Gênero: desigualdade e violência; Identidade e Cultura e Perspectivas teóricas e produção de conhecimento*. As seções descritas possibilitam o acesso a artigos que introduzem o tema central do e-book, através de pesquisas que abordam a formação social brasileira e como é possível identificar o s r reflexos de sta na constituição do Estado, nos espaços de participação social, nas relações de gênero e constituição da identidade e cultura da população.

O volume 2 está organizado em três seções que apresentam relação e continuidade com o primeiro volume, em que são apresentadas pesquisas que trazem como objeto de estudo as políticas de saúde, de educação e de justiça e a relação destas com a perspectiva de cidadania.

Território e desenvolvimento regional: relações com as questões ambientais e culturais, é a seção que apresenta os artigos do volume 3 do e-book. São ao todo 20 artigos que possibilitam ao leitor o acesso a pesquisas realizadas em diferentes regiões do país e que apontam para a relação e especificidades existentes entre território, questões econômicas, estratégias de organização e meio ambiente e como estas acabam por interferir e definir nas questões culturais e desenvolvimento regional. São pesquisas que contribuem para o reconhecimento e democratização do acesso à riqueza da diversidade existente nas diversas regiões do Brasil.

Para finalizar, o volume 4 apresenta 23 artigos. Nestes, os autores elaboram pesquisas relacionadas a questão econômica, e como, as decisões tomadas neste campo refletem na produção de riqueza e nas possibilidade de acesso ao trabalho e renda. As pesquisas apontam também para estratégias identificadas a exemplo da organização de cooperativas, empreendedorismo, uso da tecnologia e a importância das políticas públicas.

As pesquisas apresentadas através dos artigos são de extrema relevância para as Ciências Humanas e para as Ciências Sociais Aplicadas, e contribuem para uma análise mais crítica e fundamentada dos processos formativos e das relações estabelecidas na atual forma de organização social, econômica e política.

Desejamos boa leitura e todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

## SUMÁRIO

### TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: RELAÇÕES COM AS QUESTÕES AMBIENTAIS E CULTURAIS

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“BLINDSPOT”: PONTOS CEGOS DA DIMENSÃO AMBIENTAL EM UMA SEMIOSFERA	
Helio Fernando de Oliveira Junior	
DOI 10.22533/at.ed.1741906071	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
A VIDA QUE PULSA EM CIDADES E RIOS DA AMAZÔNIA	
Joristela de Souza Queiroz	
José Aldemir de Oliveira	
Rita Maria dos Santos Puga Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.1741906072	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS CAUSADOS PELO CULTIVO DA MANDIOCA ( <i>MANIHOT SCULENTA</i> ) NA COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS – BRAGANÇA/PA	
Alciene Lisboa de Brito	
Helton Pacheco	
Ana Paula Cavalheiro de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.1741906073	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL: ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO SÍTIO MOCOTÓ NA CIDADE DE VÁRZEA ALEGRE-CE	
Thays Barros Carvalho	
Márcia Maria Leite Lima	
DOI 10.22533/at.ed.1741906074	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>39</b>
AS POSSIBILIDADES DO CICLOTURISMO PARA A REGIÃO DOS CAMPOS GERAIS DO PARANÁ – BRASIL	
Rubia Gisele Tramontin Mascarenhas	
Leandra Luciana Barbieri de Oliveira	
Gabriella Rister Luchini	
DOI 10.22533/at.ed.1741906075	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>48</b>
IMPACTOS DA ATIVIDADE MINERADORA NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL: UMA ANÁLISE ACERCA DA NECESSIDADE DE CONTROLE SOCIAL	
Igor Eduardo dos Santos Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.1741906076	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>56</b>
PAISAGEM E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: UM ESTUDO A PARTIR DA REGIÃO HIDROGRÁFICA DOS RIOS CHAPECÓ E IRANI (RH2)	
Daiane Regina Valentini	
Janete Facco	
Manuela Gazzoni dos Passos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1741906077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>69</b>
TERRA INDÍGENA MARÓ E CONFLITO SOCIOAMBIENTAL NA GLEBA NOVA OLINDA: UM OLHAR ETNOGRÁFICO	
Ib Sales Tapajós	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1741906078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>82</b>
MONÓLITOS DE QUIXADÁ/CE: UM LEGADO CULTURAL PARA O ECOTURISMO	
Hermógenes Henrique Oliveira Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1741906079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>95</b>
A QUESTÃO URBANA E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATOS DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO PROGRAMA DE APOIO A REFORMA URBANA DA UFPA E O PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO URBANO E REGIONAL DA UFPR	
Eliza Maria Almeida Vasconcelos	
Maria Tarcisa Silva Bega	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17419060710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>105</b>
O (DES) ENVOLVIMENTO TERRITORIAL: A LUTA DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE SEROPÉDICA-RJ POR SUA INCLUSÃO NO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR	
Diná Andrade Lima Ramos	
Márcio de Albuquerque Vianna	
Lamounier Erthal Villela	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17419060711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>117</b>
PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL EM UMA COOPERATIVA DE CRÉDITO: O CASO DO SICREDI UNIÃO RS, AGÊNCIA DE SANTO ÂNGELO	
Pedro Luís Büttenbender	
Ademir da Silva Dutra	
Ariosto Sparemberger	
Giovana Fernandes Writzl	
<b>DOI 10.22533/at.ed.17419060712</b>	

**CAPÍTULO 13 ..... 132**

AROMATERAPIA: ESTUDO DAS PROPRIEDADES DOS ÓLEOS ESSENCIAIS DE CANELA E CITRONELA APLICADOS A PRODUÇÃO DE SABONETES ARTESANAIS

Marina Serafim da Rocha  
Giovanni Uema Alcantara  
Caroline de Souza Rodrigues  
Mayra Beatriz Stanize Martins dos Reis  
Raquel Teixeira Campos  
Marcelo Telascrêa

**DOI 10.22533/at.ed.17419060713**

**CAPÍTULO 14 ..... 139**

ESTUDO DA APLICABILIDADE DE RESÍDUOS ORGÂNICOS COMO ESSÊNCIA EM SABONETES ARTESANAIS

Afonso Poli Neto  
Caroline de Souza Rodrigues  
Fabiana Navas Reis  
Laís Cabrerizo Vargas de Almeida  
Luiz Gustavo de Moraes Gazola  
Murilo Ferreira da Rua  
Marcelo Telascrêa  
Raquel Teixeira Campos

**DOI 10.22533/at.ed.17419060714**

**CAPÍTULO 15 ..... 148**

RESSIGNIFICAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS E SUA CONTRIBUIÇÃO NA REQUALIFICAÇÃO DA CIDADE: ESTUDO DE UM PARQUE DE EXPOSIÇÕES EM MANHUAÇU - MG

Bruna Agda Cezário Tuelher  
Wagner de Azevêdo Dornellas

**DOI 10.22533/at.ed.17419060715**

**CAPÍTULO 16 ..... 162**

UM OLHAR PARA O FUTURO DO TURISMO NA PERSPECTIVA DO *TRADE* E PODER PÚBLICO – UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ/SC

Ana Paula Cardoso  
Gleiciane Cristina Selau  
Marina Tété Vieira

**DOI 10.22533/at.ed.17419060716**

**CAPÍTULO 17 ..... 173**

UM RIZOMA DE TROCAS, EXPERIÊNCIAS E SENSIBILIDADES: NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE O COMÉRCIO DE AÇAÍ DO MARAJÓ DAS FLORESTAS

Daniel da Silva Miranda  
Fernando Arthur de Freitas Neves  
Ramiro Esdras Carneiro Batista  
Sabrina Campos Costa

**DOI 10.22533/at.ed.17419060717**

**CAPÍTULO 18 ..... 187**

URBANIZAÇÃO DE ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS E (IN) SUSTENTABILIDADE URBANA: CONTRADIÇÕES NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM (PA)

Marlon D'Oliveira Castro  
Valéria Maria Pereira Alves Picanço

**DOI 10.22533/at.ed.17419060718**

<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>206</b>
PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DE UMA CASA DE APOIO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DE UM MUNICÍPIO DE SANTA CATARINA DIANTE DA VIOLÊNCIA SOFRIDA PELAS MULHERES E SUAS CONSEQUÊNCIAS	
Viviani Coelho	
Daiana Rosa da Silva	
Inea Giovana da Silva Arioli	
DOI 10.22533/at.ed.17419060719	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>216</b>
PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE MARKETING EM RELAÇÃO AS ESTRATÉGIAS DE ENDOMARKETING® UTILIZADAS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DA ZONA DA MATA MINEIRA	
Joyce Jane de Almeida Pereira	
Gean Cesar da Costa	
Andréia Almeida Mendes	
Fernando Albuquerque Miranda	
Reginaldo Adriano de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.17419060720	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>206</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>207</b>

## UM RIZOMA DE TROCAS, EXPERIÊNCIAS E SENSIBILIDADES: NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE O COMÉRCIO DE AÇAÍ DO MARAJÓ DAS FLORESTAS

### **Daniel da Silva Miranda**

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Belém – Pará

### **Fernando Arthur de Freitas Neves**

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em História  
Belém – Pará

### **Ramiro Esdras Carneiro Batista**

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Belém – Pará

### **Sabrina Campos Costa**

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Belém – Pará

**RESUMO:** As presentes notas foram aqui elaboradas na condição de reflexões iniciais sobre determinados elementos que constituem a comercialização do açaí *in natura* marajoara à capital paraense. Com tal intuito, certos aspectos característicos a realidade observada em um trajeto que parte do município de Afuá-Pa rumo à Belém-Pa, foram aqui tomados como fontes para garantir acesso tanto ao que ocorreu na escala observável quanto na escala do observador em seu fazer de traduzir o que viu. Neste sentido, optou-se pela ótica do antropólogo como intérprete ou

tradutor, elaborada por Clifford Geertz, como meio que melhor propunha articulação dos dados empíricos; à experiência etnográfica e à experiência de representação do encontrado em campo. Para tanto, optamos pelo uso de duas categorias que escapam ao contorno cartesiano econômico usual, explicitado em reflexões que tradicionalmente representaram a prática deste comércio a partir de perspectivas rígidas e fechadas, tal qual a “cadeias” restringidas à ação antropogênica, quando não, inflexíveis ou cíclicas e repetitivas. Deste modo, o presente artigo sustenta-se no uso conceitual de “açáirizoma”, proposto por Romero Ximenes, como mecanismo de uma representação aproximada – ainda que preliminar – dos saberes, sensibilidades e práticas simbólicas envolvidas nestas negociações. Surgindo ao final, como desdobramento, uma elaboração adensada na perspectiva de “trocas rizomáticas” como significado da manutenção dinâmica das redes comerciais, considerando-as interseccionadas por intensa renovação no que diz respeito às relações homens-homens e homem-naturezas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Açaí; Comércio; Trocas; Marajó;

A RIZOMA OF EXCHANGES, EXPERIENCES  
AND SENSIBILITIES: INTRODUCTORY  
NOTES ABOUT THE TRADE OF AÇAÍ FROM

**ABSTRACT:** These notes were elaborated here as initial reflections about certain elements that constitute the commercialization of açai *in natura* from Marajó island to the capital of Pará. In order to guarantee access to both the observable scale and the observer's scale, certain aspects that are characteristic of the reality observed on a route from the municipality of Afuá-Pa towards Belém-Pa to translate what you saw. In this sense, the optic of the anthropologist was chosen as interpreter or translator, elaborated by Clifford Geertz, as a means that best proposed the articulation of the empirical data; to the ethnographic experience and the experience of representation of the found in the field. In order to do so, we have chosen two categories that escape the usual economic Cartesian outline, which are explicit in the reflections that traditionally represented the practice of this trade from rigid and closed perspectives, such as chains restricted to anthropogenic action, if not inflexible or cyclic and repetitive. Thus, the present article is based on the conceptual use of "açai-rhizoma", proposed by Romero Ximenes, as a mechanism for an approximate - albeit preliminary - representation of the knowledges, sensitivities and symbolic practices involved in these negotiations. At the end, as an unfolding, a detailed elaboration in the perspective of "rhizomatic exchanges" as a sign of the dynamic maintenance of the commercial networks, considering them intersected by intense renewal with regard to relations between men and men and man-natures.

**KEYWORDS:** Açai; Trade; Exchanges; Marajó;

### 1 | INTRODUÇÃO

"O açai apresenta-se como um prato principal na mesa amazônica, onde quer que ele esteja os outros pratos se tornam periféricos a ele [...]. Você não come alguma coisa com açai, se costuma dizer que se come açai com alguma coisa... com pirarucu, açai com charque, açai com camarãozinho [...] enfim... o açai se demonstra como um vegetal que subverte a ordem das coisas"

A citação acima é de autoria de Romero Ximenes, antropólogo paraense e professor da faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará. Suas palavras foram proferidas em meio a uma conversa agradável acolhida entre os grandes títulos de sua biblioteca, na manhã de 24 de agosto de 2017. Visto de agora, seu relato pareceu ter encarnado algumas das muitas inquietações reveladas durante sua tese de doutoramento, quando a partir de então o autor se dedicou a analisar as relações sociedade(s)-natureza(s) por meio dos consumos transculturais do açai. Ximenes (2013) apontou por meio de seus estudos e experiências como as pessoas modelam o açai ao agrado de seu paladar e segundo as variáveis de suas subjetividades, vertendo o açai numa forma plástica dentro da equação antropológica, reconfigurando-o e transformando-o sob a força e à medida em que a presença da fruta conquista novos espaços e territórios.

Deste modo, o açai aparenta seguir uma expansão complexa e irremediável, como bem aponta o autor (XIMENES, 2013. p. 15), gerando aos pesquisadores um

desafio de imaginar modos que representem a liquidez que ele encarna no *real*. Ximenes ante a este enfrentamento, solucionou o empasse ao recorrer inventivamente às perspectivas epistemológicas do rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), combativo ao cartesianismo linear.

O autor representou então o açaí e sua liquidez, pela disposição conceitual de *açaí-rizoma*, uma forma não-estática atravessando sensibilidades de mundo, estabelecendo ou tornando mais elásticos múltiplos contatos inter-étnicos entre variados lugares na escala do local e do global.

Ximenes ultrapassou deste modo a condição de rastreador dos consumos e tornou-se referencial da teoria antropológica amazônica por uma interpretação rizomática do açaí, dando condições para que os modos de se espiar as etapas pelas quais o açaí é posto em travessia, articulando-se em uma não-fixidez, uma forma não-estaque ou melhor, uma não-cadeia.

Ante a tais possibilidades, quase que inevitavelmente surgem questões acerca do açaí-rizoma de Ximenes. O autor parte do consumo do paladar e alcança os consumos semióticos, mas não torna visível o rizoma anterior que deu condições à formação do rizoma do consumo.

Ora, de onde vem esta fruta para ser dilacerada em máquinas despoldadoras? Quem lhe dá condições para tal chegada? Por que caminhos e percursos segue o rizoma de trocas até a chegada da fruta à Feira do Açaí? E assim, com estas perguntas e uma mochila de inquietações fomos ao campo.

Ao dispor mais atenção a este *estar lá e chegar aqui*, nos surge um universo rizomático, responsável pela chegada do fruto aos consumidores finais, passando nada a mais e nada menos do que pelas próprias vidas dos diversos sujeitos comprometidos com a *tiração* do açaí.

Atingimos então os interesses que movem atualmente nossas pesquisas, dobrando-se a este *entre* a condição de *estar* fruta, de *ser* tirada – das árvores; das várzeas; dos cachos; dos trapiches; dos porões; da Feira – e *tornar-se* alimento. Mais ainda, tornar-se azia, manifestação do sono, um convite à preguiça segundo alguns; ou por outra um potente energético, vetor de mais disposição, ou mera mercadoria segundo outros.

Alicerçado no estuário do Marajó, estamos indicando alguns dos trajetos e zonas de contato que tece a experiência do traslado culminando no consumo do açaí, observando as apropriações feitas no estudo ainda em curso, na expectativa de construir uma etnografia-intérprete dos sujeitos que estão envolvidos com a (re)tirada do açaí. Indivíduos que tecem por seus cotidianos as normas e práticas reguladoras dos contratos, dívidas e solidariedades mantenedoras das dinâmicas e trocas do abastecimento do açaí.

Com tal intuito, temos tomado como locus para análise o fluxo responsável pelo abastecimento do açaí in natura dos arredores do Rio Bacabal em Afuá, ao comércio da Feira do Açaí em Belém do Pará. Não considerando esta rota como o

lugar no qual há de se manifestar a totalidade do que “realmente” é o comércio para abastecimento de açaí, mas considerando-a em sua especificidade e pluralidade, respeitando os limites do que é tangível à observação etnográfica.

Diante das particularidades do campo, dos colaboradores e do objeto de pesquisa acabamos por nos direcionar ao uso de uma antropologia interpretativa (GEERTZ, 1989) como campo teórico-metodológico razoável à problematização dos registros etnográficos produzidos e coletados in loco.

Ao recorrermos a tal modelo epistemológico de antropologia, buscamos refletir a respeito da incompletude imbricada à confecção do saber etnográfico em relação ao real observado, recorrendo a estratégias que ajudem a contornar alguns dos limites próprios à produção antropológica na representação do experienciado.

Deste modo, a partir das considerações de Geertz (2002) a respeito da função-autor do etnógrafo, partimos do entendimento de que o fenômeno etnográfico é, sobretudo, produto da interpretação de sujeitos historicamente localizados, procurando atribuir sentido aos discursos sociais observáveis na experiência de outros sujeitos igualmente produtos de construções temporais.

Assim, as análises aqui elaboradas são produtos de nossas próprias capacidades em captar algumas facetas que recobrem as condições materiais em suas específicas experiências e sensibilidades de mundo. Não tomamos o objeto de estudo como uma representação em si mesmo, por isso não subscrevemos a cultura do açaí como um processo estanque, pois sentimos pulsar a incompletude que o circunscreve, atribuí-lhe equidade e ética ante destes saberes e práticas observadas na sua relação com o sistema produtor de mercadorias. O saber em sua substância continua sendo de propriedade intelectual inviolável de nossos colaboradores, portanto, a operação descrita tem o fito de nos aproximamos de seu significado de objetivação, a fim de traduzi-lo através da interpretação antropológica. Obviamente estamos cientes do mais valor acrescido sobre o rizoma do açaí com o acréscimo de nossa interpretação.

Somos ainda devedores das variadas contribuições de investigadores da temática como Murrieta & Rueda (1995), Marinho (2005), Rocha (2004), Homma (2014), Nascimento, Gutemberg (2016) quando propuseram suas investigações sobre as interações entre segurança alimentar, as tramas do extrativismo e a agricultura, geração de renda, território e diversificação nos usos e aproveitamentos. De modo experimental apontamos uma descrição intérprete dos sentidos-significados das práticas dos sujeitos inquiridos nesse fazer antropológico.

Ensejamos a abordagem pelo circuito do açaí percorrendo as manifestações da vida estuarina marajoara em rizoma; do abastecimento do açaí in natura e das relações simbólicas que atravessam as múltiplas trocas deste rizoma de relações.

## 2 | UM RIZOMA DE TROCAS

Plantado e manejado pelos etno-saberes, o açaí se torna então razões para anseios e angústias desde gérmen. Transmuta-se em negociações e procuras nas matas; é colhido e tirado da árvore; é debulhado do cacho e posto em paneiros, latas e sacas; é trocado, catado e passado de mãos em mãos; é levado por barcos e caminhões; é despulpado e descartado, seguindo caminhos e travessias a tornar-se alimentação, artesanaria, cosmético, medicamento, adubo e asfalto.

Estes usos variados demonstram etapas distintas em uma escala generalizante das relações e produções simbólicas evocadas pelo açaí. Tais processos, são aqui tomados como demonstrações da amplitude de possibilidades entorno da fruta e, conseqüentemente o compromisso exigido quando se pretende elaborar representações e reflexões a respeito do vivido pelos sujeitos que escoam o açaí das várzeas amazônicas.

Urge então que se recorra a elementos textuais que representem de maneira aproximada o que ocorre nas paragens estuarinas. Como demonstrado anteriormente, a perspectiva de açaí-rizoma será a adotada aqui devido melhor aproximar-se do equilíbrio entre o real e a verossimilhança que pretende ser estas notas introdutórias.

O açaí-rizoma de Ximenes nasceu nos estuários do Baixo-Tocantins e do Baixo-Amazonas, idealizado para expressar o nomadismo intempestivo pelo qual a vida do açaí é guiada. Elaborado para externar o que é perceptível pela observação empírica na forma que o fruto existe no mundo “O açaí desliza sobre uma superfície lisa, com velocidade variável, com retornos, extinções, retomadas de trajetórias e variações múltiplas” (Ibidem, p. 29).

Sua perspectiva, sustenta-se no que foi percebido pelo autor a partir de seus dados empíricos e aqui, o é feito pois partilho da mesma perspectiva de Ximenes, para quem o “O conceito de rizoma permitiu conectar as ‘atracções’ múltiplas do açaí às várias dimensões da vida estuarina” (Ibidem, p. 14).

E a que dimensões se atraca o açaí do estuário? Os dados empíricos demonstram uma atracção à dimensão dos valores simbólicos e epistémicos destas comunidades, na reciprocidade envolvida nas trocas do fruto à simbiose entre sociedade-natureza, onde a natureza assume papel de sujeito e inter-relaciona-se junto aos saberes e fazeres daquelas localidades.

Defendemos assim uma perspectiva de que este modelo específico de comércio entra em condição de travessia com as vidas não-humanas que formam os universos que nos rodeiam, sejam (estejam) estas vidas (n)as florestas, (n)as margens ou (n) os rios. Há intercâmbio entre vidas, há movimento e envolvimento; há troca e ambos se põem em condição de manejo. Homens manejam açaí, o açaí maneja o Homem.

Ao seguir tais afirmações, caminho a partir dos avanços epistemológicos de Philippe Descola (2016) e sua Antropologia da Natureza. O autor anuncia por suas perspectivas, que sociedade e natureza constituem juntos uma variável tangível e

que deve ser tomada como referência aos estudos etnográficos, visto que as formas de convívio das comunidades amazônicas e o ambiente em que se localizam em muito diferem da perspectiva/matriz cartesiana produzida pela vida capitalista moderna ocidental.

Antônio Diegues (2000) converge às afirmativas de Descola, e aponta de maneira mais aproximada às pretensões da presente pesquisa que as comunidades tradicionais *ribeirinhas* demonstram, em seus saberes e práticas extrativistas, um modo de tratar o universo não-humano em seu entorno produzido como estratégias às adversidades experienciadas por gerações. Estes saberes, recentemente reconhecidos, vêm sendo amplamente tomados como objeto de pesquisa por etnocientistas, na sonhada ambição por equilíbrio na gerência ecológica.

Diante de tais aberturas, sugerimos tomar metaforicamente esta simbiose entre humanos e não-humanos, dentro da prática que mantém o abastecimento de açaí, como um *rizoma de trocas*.

Ao encarnar o rizoma, as trocas estariam ligadas a um entrelaço das relações cotidianas à experiências de solidariedade situacionais, nutrindo-os antes e durante, até o ponto de colheita e de trocas para aí então serem reelaborados, recriados e reinventados. Seguindo intempestivamente uma nova e rizomática troca-reciprocidade.

Quando não se está no tempo da safra do açaí no Bacabal, as relações que sustentam as trocas e as reciprocidades alimenta-se da adaptabilidade humana às condições possíveis, para além das solidariedades que surgem diante da impossibilidade de comércio.

Voltando, pois, o período de safra, formam-se os rizomas de troca, com elementos similares e sentidos-destinos parecidos: o comércio em Belém. Tendo assim novos rizomas, temos então novas trocas, que em suas particularidades e no sabor de suas experiências, demonstram consistentemente que para cada rizoma são produzidas novas trocas, novos acordos. Os contratos, os valores, as conversas, a confiança recíproca são outras; são novas. Variam e reformulam-se considerando o gelo partilhado ou não durante o comércio, a farinha encomendada que conseguiu ou não chegar e ser repartida, o diesel que foi ou não trazido... consideram a vida ordinária no ir e vir das vazantes e cheias que o rio faz.

O rizoma de trocas tem sua existência atravessada pela condição de receber influências das variações sazonais, refletido não apenas pelos momentos de safra e entressafra do açaí, mas estendendo-se às condições do inverno e verão amazônico; do fator incontrolável dos regimes de chuvas, ventos e marés; das disputas silenciosas entre os sujeitos que fazem parte de outras travessias de açaí, ligados a este mesmo entorno de relações, buscando munir-se de mais acordos e expandir-se mais em relação aos outros.

Tal rizoma de trocas, ainda que em meio ao conjunto de rizomas de outras trocas, mantém suas particularidades em desenhos e formatos singulares. Assim, a

lógica de troca do açaí não é a mesma do coco de babaçu, do dendê ou outro objeto de relações extrativistas. Ambos são trocas nitidamente comerciais, no entanto, as características simbólicas particulares, os desenhos e configurações/formatos de seus crescimentos, extensões e alcances demonstram-se singulares. Suas bases de sentido-significado social os são mais ainda. E o são porque são experimentados e vividos dessa maneira.

Acredito deste modo que a ideia de *rizoma de trocas* distancia-se positivamente da perspectiva ligada aos usos de *cadeia* extrativista; elementos estes que acionam a representação de um plano fechado, invariável, inflexível e antropocentrista. Elaboraões que parecem estar dispostas em primeiro plano a rastrear lucros, contabilizar prejuízos, apontar dissimetrias e encaixotar realidades a hierarquias.

Bem sabemos da necessidade de refinamento desta afirmação, principalmente no que condiz às suas sustentações e objetos próprios de interpretação, no entanto, nos apoiamos sobre as supostas fragilidades da inteligibilidade para anunciar os incômodos do atual estágio da pesquisa como fonte inspiradora para hipóteses e pretensões de descrever o açaí rizomático como uma possibilidade, particularmente considerando sua elevação ao posto de sujeito.

### 3 | SENSIBILIDADES DE MUNDO

Produzir uma etnografia demonstra-se como uma tarefa de dedicado esforço em torno do amadurecimento dos sentidos e das sensibilidades do *eu-pesquisador*, ao pôr-se na condição de ser intérprete e de ser interpretado pelos *outros* que lhe permitem espiar seus cotidianos.

Geertz (2002), ante as reconfigurações estruturais-estruturantes do global e do local nos anos 80, produziu críticas e apontou soluções às muitas dúvidas que o autor-etnógrafo via surgir em seu *estar aqui*, representando indivíduos que *estão lá*, distantes, e que não poderiam nada se não consentir ou discordar posteriormente do modo que suas representações tomaram forma.

Para o autor, o etnógrafo deve preocupar-se com os limites de sua própria produção, afinal, ainda que seus colaboradores lhe garantam o máximo de imersão e hombridade em campo, o produto final deste esforço é em si mesmo solitário; uma representação literária com autor conhecido, muito bem localizado no tempo-espço. Desta maneira, ainda segundo Geertz, não se deve esgueirar o texto por caminhos que conduzam a um “*ventriloquismo etnográfico*”, afirmando dar condições de fala aos atores sociais quando na verdade eles não falarão por/em nossos textos; tão pouco de “*confessionalismo*”, como se no contato com um etnógrafo os indivíduos resolvessem abrir mão da opinião particular e num instante resolvessem externar os recôncavos mais íntimos de seu mais escondido *eu* (GEERTZ, 2002. p. 188-189).

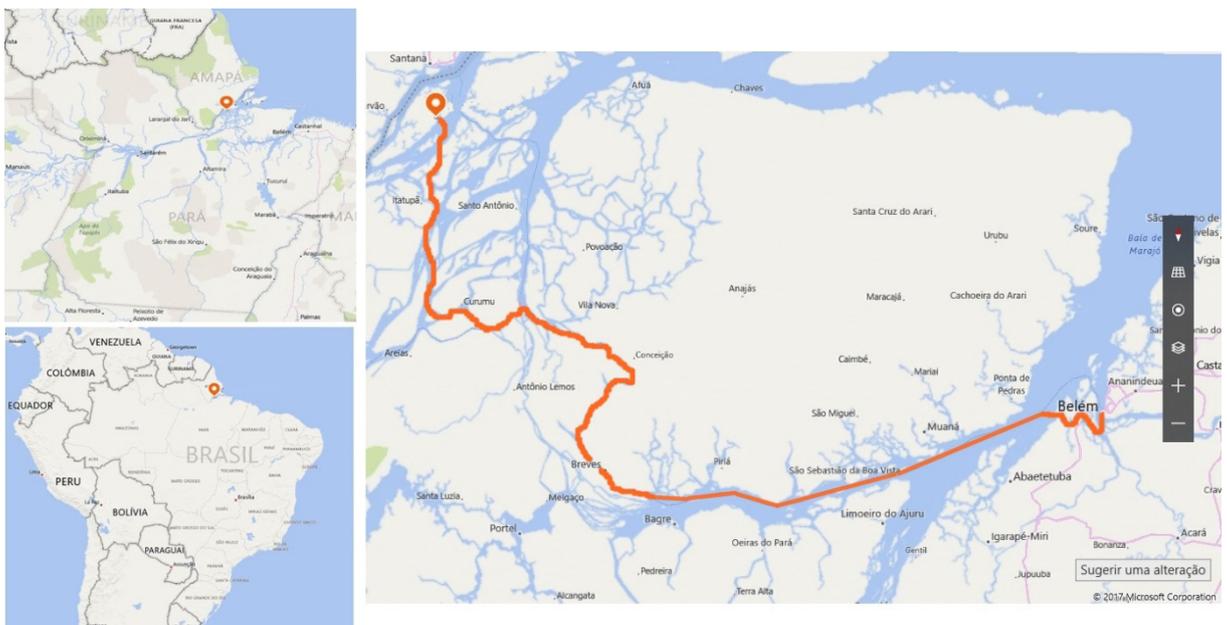
Distante, portanto, de tais angústias o etnógrafo deve muito mais preocupar-se com o “[...]modo [com que] as palavras se ligam ao mundo, os textos à experiência

e as obras às vidas[...]” do que com “[...]onde está a Cultura?” (GEERTZ, 2002. p. 185). O etnógrafo, de acordo com Geertz, deve dedicar-se para que o objetivo da etnografia-intérprete seja o de representar o emaranhado de textos e discursos que compõe a vida real, articulando de maneira dosada e densa suas entradas no texto para dar notas particulares de seu eu-antropológico tateando o *real* da vida dos Outros.

### 3.1 Ir para lá

Imagine-se dando entrada em um barco de partida de Belém com destino a Afuá, no extremo oeste das florestas marajoaras. Enquanto estais a atar *tua* rede no convés da embarcação, fique sabendo que serão empregadas cerca de 30h00 de viagem nesse percurso, cortando a capilaridade estuarina dos Marajós.

Não estamos divulgando a distância e seu tempo como recurso narrativo para complacência com qualquer pesquisador que se atira neste percurso, tão pouco desejamos que sejam acionados em seu eu-leitor cargas naturalistas, de edenização da paisagem “intocada”. Pretende-se antes, gerar uma vívida imagem, capaz de propiciar uma imersão junto à experiência, tendo clareza quanto a uma das pretensões desta narrativa é fazer notar a vida em fluxo do qual o rio não é o lugar entre a partida e a chegada, uma dimensão amputada onde a vida aguarda em terra a chegada dos viajantes. O que ocorre é o contínuo, não necessariamente o oposto da vida e suas dinâmicas efetuadas durante os rios, comportando repetições, às vezes, ressignificações dos/nos rios, refazendo-se e desfazendo-se, seja na quietude ou no bravio das águas rompidas.



Mapa 01 – Percurso Belém-Afuá / Feira do Açaí-Rio Bacabal

Fonte: Software Mapas, Microsoft Corporation 2017

Em viagem, o Marajó das florestas surge a partir das águas do município de São Sebastião da Boa Vista. A esta altura, as vidas humanas e não-humanas já pululam aos olhos, do amanhecer ao entardecer. Desta forma, fica assinalado neste percurso. Nos interessa sublinhar o quanto das formas de viver nos marajós não são gestadas apenas na terra firme e várzea das ilhas e outros espaços que compõem o arquipélago, mas que igualmente se apresentam em todo o trajeto fluvial do viajante. Na verdade, o rio é uma emenda da terra, uma extensão física como em único tecido, embora com superfície e texturas diferentes.

Veza ou outra os grandes navios e rebocadores lhe cruzarão o caminho a perder de vista. Mas haverá momentos em que lhe surgirão no olhar alguns barcos de porte mediano, levando consigo peixes... açaí... gelo e até mesmo areia, sim, como material de construção, pois as várzeas e mangues predominantes em certos municípios do Marajó das florestas faz com que estes barcos sejam comuns em certa medida.

A aparência destes barcos que surgem pode sugerir preliminarmente que se tratam apenas de meios de transportes inseridos em “cadeias” de trocas comerciais, navegando mais próximos dos viajantes do que os pequenos barcos, rabetas e canoas que tendem a transitar no raso seguro das margens.

Em tais barcos de médio porte, seguem o que tomamos aqui como os colaboradores precisos para espirmos as experiências e sensibilidades de mundo nestes pontos dos Marajós. Em meio as vibrações de porões e convés causados pelo funcionamento do motor não seguem apenas mercadorias, mas também vão ali, ocupando o pouco espaço que resta, homens e mulheres transportando memórias, narrativas e saberes. Cruzando-se com os saberes encontrados em cada porto, pondo os seus em posição de troca diante do interminável fluxo das viagens.

Aqui então poderíamos parar e realizar uma metafórica entrada em um destes barcos, para melhor acompanhar como são compostos e do que são compostos.

### **3.2 Barcos e homens: Atravessadores, intermediários e peconheiros**

Tais barcos são predominantemente construídos nos estaleiros marajoaras, produtos do encontro das madeiras amazônicas com as mãos experientes dos mestres de estaleiros. Ao fim de meses de trabalho, são descidos à água, já calafetados e prontos a navegar.

Apesar de partilharem a origem dos estaleiros, as pretensões de seus usos ditam muito de suas formas. Tomemos, pois, como exemplo o barco de um de nossos colaboradores, um passador de açaí provado na área com pouco mais de dez anos fazendo travessias. Seu barco, “4 irmãos”, de 21 m de comprimento e 5,80 m de largura, conta com um grande e fundo porão central, alcançando 2 m em seu ponto mais alto e 1,2 m em seu ponto mais baixo, destinado a ser preenchido por grandes quantidades de açaí e gelo para o conservar nas viagens. Enquanto nos picos da safra ele chega a reservar uma quantidade de 13 toneladas de gelo para 3.500 rasas

de açaí, no princípio da quebra de safra ele comporta em média 10 toneladas de gelo para 2.200 rasas [ou menos].

Seu convés conta com um amplo espaço para armazenar os paneiros a mais e outras mercadorias que surgem durante a viagem [farinha e óleo diesel são os mais comuns], além de ser o compartimento para atar as redes dos tripulantes que trabalham durante a viagem [conforme sobram espaços].

O restante da estrutura do barco divide-se em dois compartimentos. Na frente, ou melhor, na proa há a cabine de comando [tendo como instrumentos de navegação o timão, uma bússola, um manete para controlar o holofote e um rádio VHF], seguida pelo único camarote do barco, que é ocupado por nosso colaborador. O convés separa a proa da popa, nesta última é possível perceber uma partilha de espaços. O primeiro diz respeito à alimentação e aos banheiros; com uma dispensa composta por 04 prateleiras e a cozinha, com um fogareiro de 04 bocas fixado à uma base de madeira. No segundo espaço encontramos a parte mais externa da popa, com uma bateadeira de açaí, um freezer horizontal de uma porta e um reservatório de água de aproximadamente 50 litros.

A parte externa do teto do barco também é por vezes utilizada, seja para facilitar as idas e vindas da popa à proa ou para ter uma melhor posição durante as vigílias na viagem. Tais descrições caracterizam um, dentre os vários barcos que cruzam os rios marajoaras em direção à capital para a venda de açaí, sem necessariamente caracterizar ou pretender ser o padrão entre eles.

Há notadamente uma relação dos tripulantes com estes espaços que concretizam esta travessia. Os timoneiros ocupam a cabine de comando e são geralmente os homens de mais idade na embarcação, o que lhes teria garantido o notório saber necessário para a função diante dos caminhos e descaminhos na capilaridade fluvial dos marajós. Os carregadores transitam por toda embarcação, são escolhidos entre sujeitos notadamente mais jovens pois deles é cobrada agilidade e vigor físico para em cada porto de peconheiro ou intermediário, descer ao trapiche e jogar precisamente de um para o outro os diversos paneiros cheios até o porão. A viagem conta ainda com a escolha de um cozinheiro, que deve saber lidar com as panelas e utensílios nos balanços das águas. Durante as noites o encargo da vigília é partilhado entre todos afim de manterem-se em alerta para a presença de “ratos d’água”; assaltantes de embarcação que surgem como seres brutais nas narrativas dos tripulantes.

Nosso colaborador aceita transitar por quase todas estas funções, exceto a de cozinheiro, pois para isto ele “não teve o dom”. Suas principais funções são as de administrar os valores combinados, sempre para garantir a “honradez de sua palavra” e ainda negociar e concretizar a venda final, na Feira de Açaí em Belém.

Ele surge deste modo como o sujeito *encarregado*, que desponta em papéis de significativa chefia no espaço rural do rio Bacabal em Afuá, e com destacado protagonismo quando na Feira do Açaí em Belém.

De suas performances resultará grande parte dos sucessos e insucessos da viagem, afinal, ele é o responsável por formar a tripulação, ele que tem voz na articulação dos contratos verbais entre peconheiros, intermediários e comerciantes da Feira de açaí, e igualmente deve partir dele a sensibilidade de notar quando a safra do Bacabal está se encerrando e é hora de atravessar açaí de outros lugares.

Estes quase dez anos de atuação de nosso colaborador parecem ter lhe garantido de algum modo um determinado prestígio entre a comunidade do Bacabal. Nota-se que o uso constante da palavra e a honradez com a qual ele pratica seus acordos tornam-se importantes fatores a serem considerados diante do respeito com que é tratado. Até aqui desconheço qualquer caso de quebra de palavra entre estes sujeitos, mas o receio constante de uma quebra de confiança demonstra muitas das possíveis penalidades que poderiam surgir por conta disto. Todavia, sem comparativos evidentes, não há como saber as particularidades de um desonrado.

O Bacabal anuncia então que o grande evento para o qual se preparam os sujeitos em suas imediações é a colheita de açaí. Iniciada pelos idos de fevereiro e que se encerra no final de julho, no entanto, se nosso colaborador e seus tripulantes podem ir para outro lugar atravessar açaí no período de entressafra das imediações do Bacabal, que dura de agosto a janeiro do próximo ano, o que ocorre com os outros indivíduos deste rizoma de trocas?

Atingimos desta maneira um ponto no qual para que haja sentido na existência deste barco e os investimentos de suas viagens, é necessário notar a presença dos indivíduos que pertencem a este fluxo comercial sem necessariamente atuarem como tripulantes dos barcos.

### 3.3 Intermediar, intermédio, interstício e peconha

Subir em uma árvore de açaí e apanhar-tirar-colher um cacho não é atividade para qualquer um, demanda um saber específico para uma subida segura, rápida e proveitosa. Os indivíduos que dispõem desta atividade são os chamados *peconheiros*, identificados assim pela coleta do açaí a partir do uso da peconha, um laço feito em saca de fibra ou galhos verdes torcidos que o auxilia na subida, na descida e no equilíbrio enquanto está na árvore.

Sua performance se inicia diante da negociação da colheita com seus contratantes, onde é estabelecido verbalmente uma determinada quantidade de produção, prazo e valor de mão de obra. Em seguida, selando o acordo, os peconheiros recebem a quantidade estipulada de paneiros e rumam às várzeas, em busca das árvores.

Em sua ida, levam geralmente consigo em seus cascos, rabetas ou catraios uma peconha, o terçado, alguns paneiros e, em certas vezes, algum de seus filhos, para além de aprender o ofício, debulhar os cachos. Após horas de trabalho, retornam a suas casas com os paneiros cheios e barrigas vazias, ávidos por comida e descanso, prontos a recomeçarem o mesmo trajeto até cumprirem a meta.

Num prazo que se demonstrou no máximo de uma semana, chega o dia de retorno ou a ida até os contratantes, nele os peconheiros lhes devem entregar os paneiros, recebendo a quantia contratada ou o equivalente por sua coleta, aguardando o retorno deles para um novo contrato.

No caso especificamente tratado aqui, seu ofício dificilmente está ligado ao “4 irmãos”, suas colheitas são geralmente contratadas por indivíduos que a revenderão para nosso colaborador sob o aspecto de ganharem uma relativa margem de lucro. A estes sujeitos não consta uma categoria local, mas devido sua função de intermediar estas colheitas às mãos dos atravessadores, aqui os trataremos por *intermediários*.

Estes indivíduos demonstram ter se instalado neste rizoma de trocas há algum tempo e, dispondo de certo capital para giro, estabeleceram articulações de contratos primários com um certo número de peconheiros, detentores das sensibilidades e saberes viabilizadores de uma boa colheita.

A nosso colaborador esta relação ao ser estabelecida é favorável, pois diversos peconheiros acabam trazendo sua produção a um mesmo porto, prontos para um rápido e único embarque. Aos intermediários parece ser interessante pois ao manter a intermediação da venda podem discretamente partilhar dos lucros da mesma pelo preço da rasa intermediada. Quanto ao peconheiro, as relações estabelecidas lhe favorecem em determinados aspectos, no prestígio comercial e social em negociar ou estabelecer laços com determinados sujeitos de dentro da comunidade, e pela segurança de ter a partir de um contrato verbal um determinado valor por venda concretizada.

Todavia, é no período de entressafra que ocorrem as mudanças significativas no quadro geral e o rizoma aparenta ganhar novos rumos. Nosso colaborador parte do Bacabal para o Município de Limoeiro de Ajuru, próximo ao Município de Currealinho, atravessando o açaí de lá para Macapá, considerando que o período de safra do açaí nos arredores de Belém faz o preço do fruto despencar na Feira da capital paraense, enquanto na capital amapaense ocorre o processo inverso.

Os intermediários mantêm-se a partir do conforto que o lucro de suas negociações os permitirá gozar. Enquanto isso, os peconheiros veem-se em um novo momento, sem as trocas comerciais do açaí suas rendas sofrem uma significativa perda. Muitos demonstram conseguir manter suas rendas a partir de aposentadorias ou benefícios sociais mantidos pelo Governo Federal, como o Bolsa Família e o Seguro Defeso. Para sacar-lhes têm de viajar até Macapá, com a ajuda de caronas pegadas entre vizinhos da comunidade.

Esta prática possibilita a percepção de uma reorganização social no Bacabal, baseada na solidariedade costurada pelos muitos graus de amizade ou parentesco existentes. A comunidade está organizada de maneira dispersa na espacialidade do Bacabal e seu entorno, o principal foco de ocupação é no entorno da escola que há na comunidade. Deste modo, a expectativa gerada é que no entorno da escola esteja a maior concentração de solidariedade, por assim dizer. Todavia, o que se

demonstra é uma variabilidade e uma inconstância nestas ligações de ajuda mútua.

Os ritos de solidariedade se renovam e refazem-se até um novo período de safra voltar e tornar estas trocas menos comuns, quando as atenções se voltam para as questões do privado, do particular no lar do peconheiro e dos que moram no Bacabal. Até um novo retorno para uma nova entressafra e a reinvenção dos modos de adaptabilidade às adversidades nas paragens marajoaras.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fluxo de abastecimento de açaí *in natura* oriundo das imediações do Rio Bacabal/Afuá-Pa, apresenta muitos dos desafios que surgem aos pesquisadores que desejam analisar as trocas simbólicas que colocam o fruto em rizoma. Tais questões, trazem às produções e pesquisas o compromisso de lançar mão a conceitos não-estranhos, que deem condições para que se perceba a flexibilidade que organiza a vida estuarina amazônica.

Em nossas discussões, optamos pela utilização da perspectiva de rizoma, aferindo que as formas intempestivas e dinâmicas de expansão ou retração do fluxo comercial são resultados das relações humanas [conflitos e disputas em favor da troca; os sucessos e insucessos das negociações; a confiança renovada ou não...] e ainda de questões que transcendem estas primeiras, pondo-se em travessia aos caracteres da vida não-humana do estuário [os processos climáticos; a relação *euterpe oleracea*, temperatura, solo e nutrientes; as marés ...] De todo modo, existem ainda caracteres imbricados a este rizoma aos quais serão ainda necessárias longas incursões em campo, como por exemplo para perceber os processos etnocientíficos de manejo da planta; a face da honra rompida; os compromissos de reciprocidade... enfim, muitas questões que ainda despontam como fôlego a este trabalho, em continuada construção.

#### REFERÊNCIAS

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34. 2016.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: NUPAUB/Annablume. 2000.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A Intepretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989, p. 13-41.

\_\_\_\_\_. Estar aqui: de quem é a vida afinal? In: **Obras e Vidas**: o Antropólogo Como Autor. Tradução Vera Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005, p. 169-193.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. **Extratativismo vegetal ou plantio**: qual a opção para a Amazônia?. Embrapa Amazônia Oriental-Capítulo em livro científico (ALICE), 2014.

MARINHO, José Antônio Magalhães et al. **Dinâmica das relações socio-econômicas e ecológicas**

**no extrativismo do açaí:** o caso do médio Rio Pracuuba, São Sebastião de Boa Vista, Marajó (PA). 2005.

MURRIETA, Julio Ruiz; RUEDA, Rafael Pinzón (Ed.). **Reservas extrativistas**. IUCN, 1995.

NASCIMENTO, Elcio Costa do; GUERRA, Gutemberg Armando Diniz In **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, 01 April 2016, Vol.11(1), pp.225-241

ROCHA, Elektra. **Potencial ecológico para o manejo de frutos de açazeiro** (Euterpe precatoria Mart.) em áreas extrativistas no Acre, Brasil. *Acta amazônica*, v. 34, n. 2, p. 237-250, 2004.

WALDMAN, Maurício. **Meio ambiente & antropologia**. São Paulo: Senac. 2006.

XIMENES, Romero. **Assahy-yukicé, iassaí, oyasaí, quasey, açã, jussara, manaca, açaí, acay-berry: rizoma**. 2013. 163 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém. 2013.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE** - Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), pós-graduação em Administração Pública pela Faculdade Padre João Bagozzi (2008) é Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013), Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Assistente Social da Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social - Governo do Estado do Paraná, atualmente é chefe do Escritório Regional de Ponta Grossa da Secretaria de estado da Família e Desenvolvimento Social, membro da comissão regional de enfrentamento às violências contra crianças e adolescentes de Ponta Grossa. Atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, medidas socioeducativas, serviços socioassistenciais, rede de proteção e política pública de assistência social.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agricultura familiar  
Alimentação escolar  
Amazônia  
Aromaterapia  
Assentamentos precários  
Atividade mineradora

### C

Cicloturismo  
Controle social  
Cooperativa de crédito  
Cultura

### D

Desenvolvimento regional  
Desenvolvimento territorial

### E

Ecoturismo  
Empreendedorismo sustentável  
Etnografia

### I

Impactos socioambientais

### M

Meio ambiente  
Monólitos

### O

Óleos essenciais

### R

Reforma urbana  
Resíduos orgânicos

Ressignificação de espaços públicos

Rizoma

## **S**

Sabonetes artesanais

Semiosfera

Sustentabilidade ambiental

## **T**

Terra indígena

Território

Turismo

## **U**

Urbanização

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-517-4



9 788572 475174